



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11525 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

**MEMÓRIAS DE ALFABETIZAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES: TECENDO POSSIBILIDADES DE PESQUISA-FORMAÇÃO**

Márcia Regina do Nascimento Sambugari - UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

**MEMÓRIAS DE ALFABETIZAÇÃO DE FUTUROS(AS) PROFESSORES(AS):  
TECENDO POSSIBILIDADES DE PESQUISA-FORMAÇÃO**

O presente texto apresenta parte do estudo desenvolvido a partir do registro de memórias de alfabetização de acadêmicos(as) do curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada no extremo oeste do estado de Mato Grosso do Sul. Por meio da análise de cartas reflete sobre o potencial do uso de narrativas autobiográficas na formação de futuros professores como possibilidade de pesquisa e de formação. Tal escolha teórico-metodológica assenta-se no entendimento de que “[...] a narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo”. (SOUSA; CABRAL, 2015, p. 150). Essas vivências, conforme assinalado por Soares (2001), podem ser compreendidas como um bordado que vai sendo confeccionado ao longo de nossas trajetórias, pois:

[...] vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. [...] Olho para trás, observo o bordado, tento adivinhar o segredo do risco. E então vejo que não é um risco harmonioso, de um bordado em que cada forma se vai acrescentando à anterior e a ela se ajustando. Há cortes bruscos de linhas que de repente se interrompem – plantas arrancadas – e o risco toma outra direção, tão diferente! (SOARES, 2001, p. 28, 31).

Tomando essa perspectiva delineada por Soares (2001) e o estudo realizado em um curso de formação de professores compreende-se a narrativa ‘memórias de alfabetização’

como dispositivo de pesquisa-formação para a mobilização de saberes. Souza (2006, p. 14) assinala que “[...] a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si”. Já Sousa e Cabral (2015, p. 150) complementam destacando que:

[...] além da simples lembrança, a memória constitui uma viagem no tempo, e narrar é, dentre outras, rememorar experiências diversas quer da vida pública ou da vida privada. Tais percepções evidenciam que a unidade narrativa é constituída de vivências e experiências, adquiridas e construídas no decorrer da história de vida do ser humano que cristalizam e se constituem em imagens que são retomadas em situações cotidianas .

Dessa maneira, no estudo aqui apresentado buscou-se analisar narrativas produzidas pelos(as) acadêmicos(as) matriculados(as) no curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) no período entre 2015 a 2022 e como instrumento para a produção dessas narrativas utilizou-se a carta pelo seu potencial “[...] para estabelecer comunicação por escrito com um destinatário ausente, no qual, por assim dizer, o autor pode tudo.” (SOLIGO, 2018, p. 13). No início do curso, os(as) acadêmicos(as) receberam uma carta da professora pesquisadora em que trazia de forma breve o percurso da referida docente e o convite para responderem, contando um pouco de sua história pessoal (idade, onde nasceu, etc.), os espaços que tiveram contato com a leitura e a escrita, se curso de Pedagogia foi uma opção, e se possuem familiares que são professores. Também que relatassem as vivências de seu processo de alfabetização, narrando situações sobre como foi a experiência de aprendizagem da leitura e da escrita, trazendo as marcas positivas e/ou negativas de seus percursos. Para Larrosa (2011, p. 6):

[...] o lugar da experiência sou eu. É em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em minhas representações, ou em meus sentimentos, ou em meus projetos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder, ou em minha vontade) onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar.

Esse exercício de escrita de memórias das trajetórias de escolarização tem trazido uma riqueza de informações sobre a percepção dos acadêmicos quanto à docência. Para Sousa e Cabral (2015, p. 151),

[...] a narrativa torna-se, portanto, relevante para o contexto de formação em que se concebe o professor como narrador-personagem-escritor de histórias que se constituem a partir de diversas situações de formação. As pesquisas revelam que os professores, quando os falam sobre os dilemas imbricados no seu fazer docente, transportam, ao mesmo tempo, dados de sua trajetória de vida. Isso aponta para diferentes modos de ver, conceber a prática profissional e promover avanços significativos na formação docente.

Dessa maneira, a pesquisa conta com 195 cartas produzidas pelos(as) acadêmicos(as) e, para sistematizar e organizar os dados recorreu-se a Bardin (2016) por meio da análise de conteúdo. A leitura e análise das cartas perpassou as três fases propostas pela autora: (i) pré-análise, (ii) exploração do material; (iii) tratamento dos resultados. Na primeira etapa realizou-se a leitura flutuante dos registros narrativos, buscando os elementos comuns e frequentes relativos a leitura e a escrita. Em seguida partiu-se para o tratamento do material que deu-se por meio da codificação, a fim de construir as categorias de análise. Nessa fase de codificação optou-se em trabalhar com a categoria de análise temática como unidade de registro (UR) que consiste em “[...] descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e, cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2016, p. 135).

Considerando o recorte da pesquisa para a elaboração deste texto, a seguir constam as discussões acerca da categoria temática “rituais” que compreende em práticas culturais de leitura e de escrita organizadas e rotinizadas na escola. Como forma de garantir o anonimato, em conformidade com a ética na pesquisa, os(as) participantes estão identificados(as) pela letra A [acadêmico/a] seguido de um número sequencial [1,2,3...] e do ano em que a escrita foi produzida [2015, 2016, 2017, etc].

Para Souza (2006, p. 103), “[...] o sentido da recordação é pertinente e particular ao sujeito, o qual implica-se com o significado atribuído às experiências e ao conhecimento de si, narrando aprendizagens experienciais e formativas daquilo que ficou na sua memória”. Nessa perspectiva, a análise da recordação presente nas narrativas dos(as) futuros(as) professores(as) permite inferir que a maioria dos participantes traz em suas memórias rituais relacionados principalmente ao uso recorrente das cartilhas, conforme verifica-se nos excertos a seguir:

O que eu me lembro do meu tempo de alfabetização é que **a professora utilizou a cartilha com o Ba-Be-Bi-Bo-Bu**. Da sala de aula eu me lembro que havia o alfabeto, objetos coloridos. Na minha memória está gravada a imagem da professora explicando no quadro, a sala de aula, os colegas, as mesas arrumadas uma atrás da outra. (A18-2015 - grifo nosso).

Naquela época fui alfabetizada por meio das **cartilhas, onde aprendíamos a familinha de cada letra**. E apesar de atualmente, o ponto de vista dos educadores parecer uma metodologia e ensino atrasada, na minha geração foi eficiente. (A76-2018 - grifo nosso).

A análise dessas narrativas remete a Mortatti (2000) que, ao apresentar a história da alfabetização no Brasil, aponta a influência das cartilhas no movimento de escolarização das práticas de leitura e escrita, assinalando que:

[...] a cartilha de alfabetização institui e perpetua certo modo de pensar, sentir, querer e agir, que, embora aparentemente restrito aos limites da situação escolar, tende a silenciosamente acompanhar esses sujeitos em outras esferas de sua vida pessoal e social (MORTATTI, 2000, p. 50).

Nos excertos a seguir é possível perceber as dificuldades apresentadas por terem que fazer o uso da letra cursiva sem estarem alfabetizados:

Lembro que **ficava horas e horas tentando aprender a letra cursiva**. (A13-2015 – grifo nosso).

Lembro-me da professora falar repetidamente as letras do alfabeto. Em seguida ela nos **ensinou as sílabas com letra cursiva e foi a pior coisa que me aconteceu. Eu não entendia a letra dela**, e ainda por cima, tive que fazer durante um ano aulas de caligrafia. (A42-2017).

Cagliari (2009) nos alerta que a escola se preocupa mais com a escrita que a leitura e a oralidade, apontando algumas dificuldades que a escola cria para a alfabetização e que poderia ser evitada, sendo uma delas a ênfase dada quanto a estética da escrita. Para o autor, “[...] preocupada demais com a ortografia, a escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento, é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para textos escritos” (CAGLIARI, 2009, p. 100).

Desde a formação inicial de professores é necessário romper essa visão restrita e reducionista de alfabetização, pois, conforme Abreu e Arena (2021), a alfabetização é um processo essencial para o desenvolvimento do(a) aluno(a) como um todo, bem como um instrumento para a sua formação humana. Dessa forma, a alfabetização está para além do simples reconhecimento de letras, que servem apenas para nomear os elementos do mundo. Ainda, de acordo com as autoras, as atividades durante esse processo de alfabetização devem possibilitar às crianças aprendizagem contextualizada acerca da escrita e da leitura, para que elas possam refletir, expor, criticar e ter suas próprias opiniões.

Outro aspecto que chama a atenção refere-se ao fato que os(as) acadêmico(as) não eram da mesma cidade, ou estudaram nas mesmas instituições de ensino, porém, a presença de uma concepção alfabetização, de como se ensina e como se aprende a ler e escrever tem muitos elementos em comuns que demonstram ser constitutivos de uma prática escolar presente no contexto educacional do país. No excerto apresentado a seguir, nota-se o quanto esse movimento da escrita de si é importante e potente para a formação docente:

[...] Já finalizando, quero compartilhar a tamanha felicidade que atualmente estou vivenciando, **aprendendo muito e me dedicando ao máximo para ser um professor oposto de tudo que já vivenciei**. (A30-2020 - grifo nosso).

Em suma, o exercício analítico mobilizado neste estudo sinaliza o potencial formativo do trabalho com memórias de alfabetização nos cursos de formação e a importância de propiciar espaços para que o(a)s aluno(a)s possam narrar seus percursos, e, a partir daí reflitam sobre os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, buscando formas de (re)significar as suas práticas quando estiverem no exercício da profissão.

**Palavras-Chave:** Memórias. Alfabetização. Pedagogia.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia Martins de Oliveira; ARENA, Adriana Pastorello Buim. Atos de Leitura na Alfabetização. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v.10, n.2, mai./ago, p.770-786, 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa, PT. 2016.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione. 11 ed., 2009
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul./dez, p. 4-27. 2011.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular. **Cadernos Cedes**, n. 41, v. 52, nov., p. 41-54, 2000.
- SOARES, Magda Becker. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SOLIGO, R. Uma forma narrativa privilegiada na pesquisa: a carta. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de, CUNHA, J. L., FURLANETTO, E. C, BIASOLI, K. A. Anais [...]. Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Digital. São Paulo. BIOgraph, 2018, p. 1-15.
- SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, jul/dez., p. 149-158, 2015.
- SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador, BA: UNEB, 2006.